

O Fator Camarinha: saiba como Dilma voltou atrás face seus militares encolerizados

claudio_tognolli

Claudio Tognolli

9 de setembro de 2015



Imagem: Getty

Vou te contar o que foi revelado a este blog por um militar de alta patente: como Dilma foi alertada a voltar atrás na briga que comprou com militares. A dica veio de um conselheiro (militar), que a ela disparou: “Presidente, cuidado com o fator Camarinha...o Sarney sabe muito bem o que é isso..”

Antes de te explicar o que é o Fator Camarinha, vamos relembrar a crise de Dilma com os milicos.

Para tentar reverter o problema criado com os comandantes militares, o ministro da Defesa, Jaques Wagner, vai assinar uma portaria devolvendo ao titulares do Exército, da Marinha e da Aeronáutica o poder de editar atos relativos a pessoal militar –como transferência para a reserva remunerada de oficiais superiores, intermediários e subalternos, reforma de

oficiais da ativa e transferências para o exterior.

Os militares já dispunham, classicamente, desse poder. Mas como Dilma dispõe da singular capacidade de pisar na bola com ela mesma, na semana passada a secretária geral do Ministério da Defesa, Eva Chiavon, pediu à Casa Civil que encaminhasse o decreto 8515, a tirar poder dos comandantes. E impôs que a presidente Dilma Rousseff assinasse o decreto antes do 7 de setembro.

A publicação do texto no Diário Oficial da União (DOU) foi na sexta-feira.

Publicar um decreto deste teor, tirando poderes da cúpula militar, e sem comunicar aos comandantes, foi considerado “inaceitável”. Os milicos coçaram o coldre (afinal sob Dilma eles também viraram homens de gatilho fácil...)

O ministro da Defesa Jaques Wagner entrou na área, labutando naquilo a que chamaram de “operação absorvente”: para evitar maior derramamento de sangue....

O fator Camarinha

O ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), Tenente-Brigadeiro do Ar Paulo Roberto Coutinho Camarinha, morreu a 30 de abril de 2013, aos 89 anos, no Rio de Janeiro. Foi sobre um episódio a ele sucedido que aconselharam a Dilma.

Paulo Roberto Coutinho Camarinha foi o brigadeiro mais famoso depois do outro brigadeiro, Eduardo Gomes (candidato à Presidência em 1945).

E Paulo Roberto Coutinho Camarinha protagonizou a mais aguda crise militar desde a abertura política.

Quando a inflação corria solta sob Sarney presidente, um instrumento calibrava os salários: chamava-se URP (unidade de referência de preços). Por ela, salários de todo o Brasil (incluindo de servidores públicos, como militares) eram reajustados mensalmente, para se cobrir a corrosão inflacionária.

Sarney resolveu cortar a URP. Salários iriam para o espaço. O efeito foi algo inesperado: nivelou os destinos de sindicalistas e militares. Todos passaram a lutar ombro a ombro. Camarinha foi capa de “Veja”, batizado de “O brigadeiro da URP”. Nunca antes na história desse país (nem sob Vargas) um milico havia sido tão elogiado por sindicalistas.

O alinhamento ao “peonato” custou caro ao Tenente-Brigadeiro do Ar Paulo Roberto Coutinho Camarinha. O presidente Sarney o demitiu a 17 de junho de 1988. “Não posso admitir que minha autoridade seja questionada”, disparou Sarney contra o military defenestrado por ter se aliado com os “peões”.

Eis o que me mandou sobre o episódio o militar de alta patente:

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/441493/PS1988%20-%2000662.pdf?sequence=1>

Esse é o “Fator Camarinha”: se Dilma não tivesse voltado atrás de ter tirado o poder dos militares, iria ser peitada por eles, publicamente. Teria de reagir inovocando a autoridade (como fez Sarney). Ato contínuo, teria de demitir milicos: algo nada potável para quem está sendo rifada a cada dia por um oponente diferente...

Leia também:

<https://br.noticias.yahoo.com/blogs/claudio-tognolli/no-colo-de-quem-dilma-vai-acordar-amanhã-132041008.html>